opusdei.org

Catequese Jubileu: 10. A Samaritana

A Sala de Imprensa da Santa Sé publicou o texto da catequese do Papa Francisco preparada para o dia 26 de março do ciclo “Jesus Cristo, nossa esperança”, no âmbito do Ano Jubilar 2025.

26/03/2025

Ciclo – Jubileu 2025. Jesus Cristo Nossa Esperança. II. A vida de Jesus. Os encontros 2. A Samaritana «Dá-me de beber!» (Jo 4, 5-26)

Prezados irmãos e irmãs!

Depois de termos meditado sobre o encontro de Jesus com Nicodemos, que tinha ido à procura de Jesus, hoje reflitamos sobre aqueles momentos em que parece que Ele estava à nossa espera precisamente ali, naquela encruzilhada da nossa vida. São encontros que nos surpreendem e, no início, talvez até fiquemos um pouco desconfiados: procuramos ser prudentes e compreender o que se passa.

Ciclo de Catequeses para o Jubileu 2025 sobre “Jesus Cristo, nossa esperança”

Provavelmente, foi também a experiência da samaritana,

mencionada no capítulo quarto do Evangelho de João (cf. 4, 5-26). Ela não esperava encontrar um homem perto do poço ao meio-dia, aliás, não esperava encontrar ninguém. Com efeito, ela vai buscar água ao poço a uma hora inusual, quando está muito calor. Talvez esta mulher se envergonhe da sua vida, talvez se tenha sentido julgada, condenada, incompreendida, e por isso se tenha isolado, rompendo relações com todos.

Para ir da Judeia até à Galileia, Jesus poderia ter escolhido outro caminho, sem atravessar a Samaria. Teria sido até mais seguro, dadas as relações tensas entre judeus e samaritanos. Ao contrário, Ele quer passar por ali e detém-se diante daquele poço, naquela mesma hora! Jesus está à nossa espera e deixa-se encontrar precisamente quando pensamos que já não há esperança para nós. No antigo Médio Oriente o poço é um

lugar de encontro, onde às vezes se arranjam casamentos, é um lugar de noivado. Jesus quer ajudar esta mulher a compreender onde procurar a verdadeira resposta ao seu desejo de ser amada.

O tema do desejo é fundamental para entender este encontro. Jesus é o primeiro a manifestar o seu desejo: «Dá-me de beber!» (v. 10). Para encetar um diálogo, Jesus faz-se ver frágil, para pôr a outra pessoa à vontade, a fim de que não se assuste. A sede é muitas vezes, até na Bíblia, a imagem do desejo. Mas aqui Jesus tem sede sobretudo da salvação daquela mulher. «Aquele que pede de beber, diz Santo Agostinho, tinha sede da fé dessa mulher» (*Homilia* 15, 11).

Se Nicodemos fora ao encontro de Jesus à noite, aqui Jesus encontra a samaritana ao meio-dia, no momento em que há mais luz. Com efeito, é um

momento de revelação. Jesus dá-se a conhecer a ela como o Messias e, além disso, ilumina a sua vida. Ajuda-a a reler de modo novo a sua história, que é complicada e dolorosa: teve cinco maridos e agora está com um sexto, que não é seu marido. O número seis não é casual, mas geralmente indica imperfeição. Talvez seja uma alusão ao sétimo esposo, aquele que finalmente poderá saciar o desejo desta mulher de ser verdadeiramente amada. E aquele esposo só pode ser Jesus.

Quando se dá conta de que Jesus conhece a sua vida, a mulher desvia a conversa para a questão religiosa, que dividia judeus e samaritanos. Isto acontece-nos às vezes também quando rezamos: no momento em que Deus toca a nossa vida com os seus problemas, às vezes perdemo-nos em reflexões que nos dão a ilusão de uma oração bem-sucedida. Na realidade, erguemos barreiras de

proteção. No entanto, o Senhor é sempre maior, e àquela samaritana, a quem segundo os esquemas culturais nem sequer lhe deveria ter dirigido a palavra, oferece a mais excelsa revelação: fala-lhe do Pai, que deve ser adorado em espírito e verdade. E quando ela, mais uma vez surpreendida, observa que sobre estas coisas é melhor esperar o Messias, Ele diz-lhe: «Sou eu, aquele que fala contigo» (v. 26). É como uma declaração de amor: Aquele que esperas sou eu; Aquele que pode finalmente responder ao teu desejo de ser amada.

Naquele momento, a mulher corre para chamar os habitantes do povoado, pois é precisamente da experiência de se sentir amado que nasce a missão. E que anúncio poderia ela trazer, a não ser a sua experiência de ser compreendida, acolhida, perdoada? Trata-se de uma imagem que nos deveria fazer

refletir sobre a nossa procura de novas formas de evangelizar.

Tal como uma pessoa apaixonada, a samaritana esquece a sua ânfora aos pés de Jesus. O peso da ânfora sobre a sua cabeça, cada vez que regressava a casa, recordava-lhe a sua condição, a sua vida atribulada. Mas agora a ânfora é colocada aos pés de Jesus. O passado já não é um fardo; ela está reconciliada. E é assim também em relação a nós: para ir anunciar o Evangelho, primeiro é preciso depositar o peso da nossa história aos pés do Senhor, entregar-lhe o fardo do nosso passado. Só pessoas reconciliadas podem anunciar o Evangelho.

Caros irmãos e irmãs, não percamos a esperança! Ainda que a nossa história nos pareça pesada, complicada, talvez até arruinada, temos sempre a possibilidade de a confiar a Deus e de recomeçar o

nosso caminho. Deus é misericórdia e está sempre à nossa espera!

Libreria Editrice Vaticana

pdf | Documento gerado automaticamente a partir de https://opusdei.org/pt-pt/article/catequese-jubileu-10-a-samaritana/ (14/12/2025)